JORNAL DE BRASÍLIA 2 NOV 1985

A sustentação que o presidente tem

Lustosa da Costa

Fala-se muito por aí que o governo está sem sustentação político-parlamentar e que há uma rebelião aberta da bancada federal do PMDB contra o presidente José Sarney. Parece-me uma batalha do Itararé, que não houve. Porque pelo que vi, até hoje o chefe do Governo teve vitoriosas todas as propostas que submeteu ao Congresso.

Pra mim, no fundo, no fundo, tal raciocínio e mero cacoete, adquirido na ditadura. Para manter as aparências de legitimidade do governo, os militares deixaram o Poder Legislativo aberto. Castrado mais aberto, dividido em dois partidos monopíticos. Um para dizer sempre "sim, senhor, meu general" e o outro, para negar, para contestar o regime autoritário. Cada deserção da ARENA e do PDS era saudada, pela imprensa, como iminência do fim do regime que somente se decompôs quando os generais se recusaram a apoiar a prorrogação do mandato de Figueiredo ou novo golpe que se tramava, à sua sombra.

E o que me ocorre quando leio que a bancada do PMDB vota, sistematicamente, contra o governo e que o partido majoritário se nega a aprovar as políticas do Palácio do Planalto.

Não existe isso. O presidente José Sarney ainda não perdeu uma batalha parlamentar. E na questão da anistia, embutida em sua mensagem de convocação da Assembléia Nacional Constituinte, também fez prevalecer o que lhe pareceu, na oportunidade, constituir o interesse do governo.

Que há descontentamento numa frente multifacetada e heterogênea como o PMDB, há. E haverá sempre. Com Pimenta da Veiga, Oswaldo Lima Filho ou Freitas Nobre. Como o próprio Jesus Cristo se voltasse à terra e optasse por emprego tão desconfortável. E não se deve isso apenas ao fato de que o partido oficial agasalha tendência tão contraditorias, não. É que os tempos são de recessão e de aperto. E como diz o ditado, em casa onde falta pão, todos brigam e ninguém tem razão. Sem falar em que vem pela frente a reeleição fantasma que deixa insones, que apavora senadores e deputados que só pensam, falam e agem em função de tais desassossegos.

Mesmo que o presidente José Sarney venha a sofrer decepções no Legislativo, saberá que isso faz parte do jogo democrático de que nos desacostumamos. No regime militar, quando o general-presidente não conseguia impor sua vontade ao Congresso, simplesmente o fechava como o fizeram Castello Branco, Costa e Silva e Geisel. Medici, não. Este nem precisou porque a tortura e a barbárie, que comandava, calavam o grito na garganta. Somente deixavam explodir, no fundo dos cárceres da repressão, o soluço dos moribundos.

Presidentes-políticos enfrentaram e enfrentam, com naturalidade, reveses parlamentares. Juscelino, o afável, o amável JK, sempre propenso ao diálogo, sempre disposto à costura política, mordeu o pó da derrota. Na rejeição do veto de projeto que beneficiava os tesoureiros. Na tentativa de cassação do mandato de Carlos Lacerda, por haver violado o código secreto do Itamaraty. Quando da apreciação da emenda constitucional que convertia os ex-presidentes em membros natos do Senado, por que tanto se interessou. Sofreu o diabo, teve de fazer todo o tipo de concessão para aprovar a transferência da capital para Brasília. Quando perdeu todavia, não passou recibo. Foi adiante, com seu **savoir faire**, como se nada tivesse acontecido. E não acontecera mesmo. A rejeição de matérias do Poder Executivo, pelo Poder Legislativo, é lance comum no jogo da interdependência dos poderes. É o que já aconteceu e pode acontecer de novo, daqui pra frente. E deve ser encarado sem pânico nem dramaticidade pelos que não nutrem saudades dos blocos partidáros monolíticos, alinhados para bater continência aos generais-presidentes.

E isso aí, o Governo José Sarney dispõe de maior apoio político-parlamentar de que seria razoável esperar diante das peculiaridades de sua ascensão ao governo. Conta com os votos do PMDB como JK com os do PSD, João Goulart com os do PTB, voluntariamente, sem a coerção da fidelidade partidária que até mesmo nos sombrios tempos de 1964 pra cá, só funcionou quando tinha por trás de si os tanques Sherman.